



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## **CONCEPÇÕES DE LEITURA: Lançando um olhar sobre a formação do leitor**

Antônio Adeilson da Silva

*CAP/UERN* – E-mail: [adeilsongta@gmail.com](mailto:adeilsongta@gmail.com)

José Wellington de Almeida Teodoro

*CAP/UERN* – E-mail: [josewellingtonuern@hotmail.com](mailto:josewellingtonuern@hotmail.com)

Maria da Luz Duarte Leite Silva

*UFRN*: E-mail: [lulinhaduarte@hotmail.com](mailto:lulinhaduarte@hotmail.com)

Carla Shalany Ferreira Moura

*CAP/UERN* – E-mail: [carlashalany@hotmail.com](mailto:carlashalany@hotmail.com)

**RESUMO:** O ato de ler é entendido como uma das formas mais eficazes de desenvolvimento dos indivíduos. Tendo-se essa visão por pressuposto, com esta pesquisa, objetiva-se analisar as concepções de leitura que são apresentadas pelos professores regentes de salas de aula na fase de observação do estágio supervisionado II e verificar a relação dessas concepções com as experiências de leituras oriundas da educação básica. Na perspectiva de atingir os objetivos realizamos uma pesquisa bibliográfica onde nos ancoramos em Kleiman (2008) e Martins (1986); entre outros que focalizam a reflexão sobre leitura. Esta pesquisa pode ser caracterizada como uma pesquisa qualitativa. Para sua realização aplicamos um questionário a duas professoras a fim de procuramos uma melhor compreensão da temática em questão. Como resultados, constataram-se principalmente concepções de leitura mecânica ora restritas a simples aquisição de conhecimento, ora mais amplas, com relances de concepções de leitura que promova a interação entre texto-leitor-autor e os sentidos para realizá-la como uma atividade social prazerosa.

**Palavras-chave:** Concepções de leitura, leitura, formação do leitor.

### **Introdução**

Sabe-se que a leitura é um dos principais caminhos para que o aluno adquira conhecimentos. Também sabe-se que ler é muito mais do que somente decodificar símbolos; ela necessita da interação do leitor com o texto e com o autor, extrapolando o universo linguístico do texto. Conforme afirma Bamberger (1995) “[...] a leitura é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade”. A leitura, na verdade, é um dos meios pelos quais acontece a interação entre os seres humanos, além de



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

promover a reflexão sobre diferentes assuntos, favorecendo, assim, a formação de um leitor crítico.

O presente artigo surgiu essencialmente, a partir de dois momentos em que vivenciamos maravilhosas experiências com a leitura na universidade. Sendo o primeiro momento evidenciado na apresentação de um seminário, da disciplina de Ensino de Língua Portuguesa, onde pode-se compreender melhor as concepções de leitura propostas. No segundo momento ocorreu com o desenvolvimento de um projeto de leitura, no Estágio Supervisionado II, no Ensino Fundamental - Anos Iniciais, da Escola Municipal Francisco Francelino de Moura, na cidade de Patu/RN. Com a finalidade de aprofundar os conhecimentos sobre leitura, objetivou-se analisar as concepções de leitura que são apresentadas pelas professoras regentes de salas de aula, na fase de observação do estágio supervisionado II e verificar a relação dessas concepções com as experiências de leituras oriundas da educação básica, a fim de propor alternativas viáveis para a melhoria da formação do leitor.

Para a realização dessa investigação, elegeu-se como metodologia básica a pesquisa qualitativa. Sendo realizado um levantamento bibliográfico, onde se fundamentou essencialmente no conceito designado por Kleiman (2008) e também de Martins; (1986) que se apresenta primeiramente nas concepções de leitura. Em seguida, foi apresentada uma breve reflexão sobre o ensino da leitura. A fim de uma sólida coleta de dados da pesquisa, realizou-se um questionamento com duas professoras da instituição de ensino acima mencionada para a obtenção das respostas relevantes para o estudo. E por fim, foi feita a análise dos dados coletados, sendo os mesmos contextualizados de acordo com alguns estudiosos da área.

Verificou-se que com essas concepções identificadas e inter-relacionadas com as experiências da vida escolar, lançou-se um olhar estratégico para o desenvolvimento de práticas pedagógicas adequadas, que possibilite uma melhor formação leitora.

### **Concepções de leitura**

O aperfeiçoamento de estudos e as diferentes teorias sobre o ensino da leitura desenvolvidos ao longo dos tempos nas escolas brasileiras estão ligados ao desenvolvimento da linguística, como sendo uma ciência que estuda a linguagem humana e que está articulada



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

à fala e à escrita. Esse tratamento da linguagem alterou conseqüentemente, o cenário no que se refere ao ensino de Língua Portuguesa, pois, se no início, o foco era um ensino voltado para as unidades isoladas da língua (letras, fonemas, palavras, frases, texto), hoje o texto tornou-se o objeto de estudo. Esses deslocamentos teóricos confirmam o caráter dinâmico da linguagem, uma vez que em cada momento histórico e social, ela é compreendida e utilizada pelos indivíduos de forma diferenciada e com a finalidade de atender às necessidades de cada.

Portanto, a urgência de (re) visitar as principais concepções de linguagem e de leitura (e suas influências) que entremearam ou ainda entremeiam o ensino de Língua Portuguesa, acontece mediante a compreensão de que toda e qualquer metodologia de ensino está relacionada a uma escolha política e social que envolve teorias de compreensão e de interpretação da realidade. Assim, o entendimento que tem-se sobre linguagem, ou a concepção dela revelada na prática pedagógica do professor por meio das atividades, apresentam-se como um fator significativo para o ensino de LP.

O ato de ler, para alguns, é visto somente como uma busca de aquisição de conhecimentos. Enquanto que para outros, é uma fonte inesgotável de prazer, na qual se pode viajar e encontrar o desconhecido, o inesperado, e até o (in) desejável. Segundo Martins (1986, p.07), existe uma relação entre o ato de ler e a escrita, de modo que “o leitor é visto como um decodificador da letra”. Mas, a leitura só acontece, efetivamente, “quando começamos a estabelecer relações entre experiências e a tentar resolver os problemas que se nos apresentam – aí então estamos procedendo leituras, as quais nos habilitam basicamente a ler tudo e qualquer coisa” (MARTINS, 1986, p. 17).

Pensando sobre esses aspectos, reforçasse que a leitura não é mais concebida como simples decodificação de palavras ou textos escritos, mas também de linguagens não verbal, pois evidencia uma forte ligação entre a linguagem das imagens e a escrita. Uma vez que, hoje, a linguagem é entendida como um processo de interação em que os atos de fala são expressões num jogo de ação e reação, e desta forma, o indivíduo necessita estar apto à compreensão dos diferentes tipos de linguagens disponíveis.

Segundo os estudos de Martins (1986), existem três níveis de leitura: a leitura sensorial (referente aos sentidos humanos), a leitura emocional (esta mexe com o que nos



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

remete prazer, e responde a uma necessidade pessoal) e a leitura racional (a que é capaz de apreciar e produzir a linguagem), a autora menciona que a leitura nesse nível racional, tem o *status* dos letrados. A autora, afirma a necessidade de compreender a inter-relação entre os três níveis de leitura, destacando a relação de simultaneidade existente entre os níveis e a forma dinâmica que envolve o ato de ler, despertando no leitor a reflexão e o estabelecimento do diálogo com os diferentes textos. Já, Kleiman (1997) aponta a leitura como um conjunto de processamentos de três níveis de conhecimento: o conhecimento textual (quando percebe-se se há ou não coerência no texto), o conhecimento prévio (que é o conhecimento de mundo expresso pelo leitor) e o conhecimento linguístico (quando o compreende e atribui significado ao texto). Sendo esses três níveis trabalhados de forma interligada, o leitor desenvolve a compreensão global do texto.

Cosson (2009), afirma a ideia de que a leitura se dá através daquilo que pode-se chamar de leitura interacionista, pois assume o pressuposto de que no ato da leitura ocorre uma interação autor – leitor – texto, tendo o leitor a mesma importância do texto. Nessa perspectiva Menegassi e Ângelo (2005, p. 18) afirmam que:

Os pressupostos teóricos que amparam cada uma dessas diferentes perspectivas de leitura envolvem uma visão diferente do que consiste o ato de ler e orientam e/ou justificam determinadas propostas didáticas em torno da compreensão da leitura, e da formação e do desenvolvimento do leitor na escola brasileira.

Ressalta-se a importância de estabelecer uma organização para a exploração das concepções de linguagem e de leitura, uma vez que uma não invalida a outra; elas aparecem em supremacia, e acabam sendo modificada, adaptada, ou ainda transformadas, a partir de uma base já existente, pelas emergências de um contexto social dinâmico.

Dessa forma, o texto é fonte de um diálogo estabelecido entre o autor e o leitor, surgindo, assim o processo de interação verbal. Nesse diálogo, cada um, texto e leitor, exercem seu papel, o texto fornece pistas para a compreensão textual, o leitor por sua vez, aplica seus conhecimentos, suas experiências, e constrói significados diversos para o que lê. Vale salientar que esse três níveis são postos de forma interligada para que haja compreensão total do texto.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Evidencia-se que uma proposta de leitura com eficiência, deverá ser desenvolvida pelos professores inter-relacionando os três níveis de leitura. Não fragmentando os níveis, esses entendimentos esclarecem que a leitura é uma interação entre texto-leitor-autor e os sentidos para realizá-la como uma atividade social prazerosa.

### **Breve reflexão sobre o ensino da leitura**

Na atualidade muito se discute acerca dos problemas de leitura e da enorme dificuldade de fazer com que essa prática se torne cada vez mais presente no cotidiano da população, fato esse que, de acordo com Kleiman (2008), vem se agravando, devido à formação precária do professor e o desconhecimento dos resultados de pesquisa na sua área.

É cada vez mais comum os professores atribuírem a “crise de leitura” ao método da alfabetização, o que, segundo Silva (1998, p. 49) é um equívoco, pois não é o método em si, mas sim o professor e o uso que ele faz do método, o elemento mais importante para o encaminhamento do processo de alfabetização e de leitura na escola, portanto não basta utilizar métodos inovadores, se não forem bem explorados e utilizados de forma correta.

Cardoso e Pelozo (2007, p. 04) ressaltam a importância da participação dos pais no processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, e afirmam que “pais que leem formam crianças leitoras”. Porém, esse fato, de acordo com Silva (1998), pode apresentar alguns equívocos, uma vez que nem toda a criança que tem pais leitores se tornará um leitor, pois a leitura não vem de berço. No entanto, quando se tem um ambiente familiar em que a leitura é promovida e incentivada, fica fácil da criança adquirir o hábito permanente da leitura. Sabe-se que nem todas as crianças têm acesso, no ambiente familiar, a livros, por isso, cabe à escola o papel de promover e incentivar a leitura. Os autores destacam que o gosto pela leitura começa a ser desenvolvido nos primeiros anos de escolarização e que é função do professor proporcionar aulas de leitura significativa, de forma a incentivar uma formação crítica e reflexiva do indivíduo.

Kleiman (2008) aponta que nos anos finais do Ensino Fundamental e Médio, ao ensinar a ler, não é possível unificar a leitura, logo não se pode impor a leitura do professor, já



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

que a leitura é subjetiva, isto é, o leitor carrega suas experiências ao ato de ler. Dessa forma, Kleiman (2008, p. 151-152) menciona que ensinar a ler é:

[...] criar uma atitude de experiência prévia com relação ao conteúdo referencial do texto, [...] é ensinar a criança a se auto avaliar constantemente durante o processo para detectar quando perdeu o fio; é ensinar a múltipla fonte de conhecimentos – linguísticas, discursivas, enciclopédicas – para resolver falhas momentâneas no processo; é ensinar, antes tudo, que o texto é significativo, e que as sequências discretas nele contidas só têm valor na medida em que elas dão suporte ao significado global.

Salienta, ainda, que o mais importante é criar na sala de aula condições para que a criança interaja globalmente com o autor via texto, pois a leitura só adquire significado, quando provoca o desacomodamento do sujeito-leitor.

Silva (1998) menciona que a falta de integração curricular das diversas disciplinas ofertadas pela escola como um dos problemas da leitura; fato esse que Cardoso e Peloso (2007) também ressaltam como um contribuinte para os baixos índices de leitura, pois isso acaba desprezando a produção leitora dos alunos.

A iniciação literária deve ocorrer desde a infância com livros de imagens com ou sem textos e, o trabalho com contos pode ser uma grande alavanca na aquisição da leitura para além da simples decodificação do código linguístico.

Nesses momentos, além de contar, é necessário ler histórias e possibilitar seu reconto pelas crianças. A leitura, de preferência, deve ser organizada em espaços amplos de forma atraente, em ambientes aconchegantes, com livros de diversos gêneros, de diferentes autores, revistas, histórias em quadrinhos, jornais, etc, sempre dando ênfase a uma leitura compreensiva e interpretativa.

Diante do exposto, evidencia-se à necessidade de envolver leitura e escrita no cotidiano escolar, desta forma fazendo uma aquisição ampla do desenvolvimento cognitivo, fornecendo reflexão mais intensiva naquilo que é necessário nesse processo de aprendizagem de linguística e de escrita, como diz os PCNs (1998. 64):

Ensinar língua oral deve significar para a escola à possibilidade de dar acesso a usos da linguagem mais formalizados e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania. “Ensinar linguagem oral” não significa trabalhar a capacidade de falar, pois este já é domínio pleno do discente,



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

mas significa auxiliar o desenvolver do domínio dos tipos discursivos que vão apoiar a aprendizagem escolar de Língua Portuguesa e de outras áreas e, por conseguinte serão aplicados na vida social no sentido mais amplo do termo.

Dessa forma, por considerar de fundamental importância a interação da criança com as diversas formas de leitura e de produção textual para o desenvolvimento da escrita, percebe-se a necessidade do trabalho com a ludicidade no contexto escolar, pois o mesmo permite trabalhar de forma dinâmica e prazerosa, integrando todas as áreas do saber para uma aprendizagem mais eficiente, despertando na criança o gosto pela leitura e a escrita desde a infância, e desta forma, contribuir para a construção da competência do bem falar, ler e escrever.

### **Relatos das professoras acerca da concepção de leitura**

Durante a construção deste artigo, houve a necessidade de compreender as concepções de leitura apresentadas pelas professoras regentes de sala de aula do Estágio Supervisionado II e relacionar com as concepções de leitura vivenciadas na educação básica. Desta forma, foi apresentado o questionário às duas professoras e na oportunidade, foi feito o convite para sua participação. Ao aceitar, foi marcado o dia da aplicação do questionário. Antes da aplicação, a professora foi informada que sua participação seria livre e que seus dados seriam mantidos em sigilo. Em decorrência deste acordo, utilizamos a seguinte denominação para as duas professoras “X” e “Y”, para uma melhor organização do trabalho. Nesse questionário foram contempladas questões sobre a utilização da leitura no cotidiano escolar, experiência de leitura na educação básica e no ensino superior, visão sobre ensino/aprendizagem da leitura, entre outras.

A apresentação dos dados coletados e suas interpretações serão descritas pela ordem das perguntas.

**Perguntado as professoras quais as leituras que elas utilizavam com maior frequência no dia-a-dia escolar, obtiveram-se as seguintes respostas.** A professora “X” mencionou que; *utilizava livros de literatura infantil, poemas e histórias em quadrinhos*. Já a professora “Y” relatou que, *usava leitura deleite: contos de fadas e leituras de obras complementares do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa*.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Fica evidente que as professoras fazem uso de uma grande variedade de textos no cotidiano escolar para incentivar o gosto pela leitura. Nota-se que na visão das professoras são necessários que os indivíduos estejam imersos em um ambiente de letramento a fim, de que possam entrar no mundo letrado, para que a leitura se transforme em necessidade e forma de prazer para eles. O professor não deve determinar o que ler, mas oportunizar ao aluno contato com a diversidade de textos reais de leitura (jornais, revistas, livros, etc., respeitando-se o nível de aprendizagem de cada um).

A professora faz menção à utilização de leituras complementar presentes no Programa Nacional pela alfabetização na Idade Certa (PNAIC), o mesmo é regido por quatro princípios centrais, sendo pertinente ao nosso estudo o 2º, que se refere ao desenvolvimento das capacidades de leitura e de produção de textos ocorre durante todo o processo de escolarização, mas deve ser iniciado logo no início da Educação Básica, garantindo acesso precoce a gêneros discursivos de circulação social e a situações de interação em que as crianças se reconheçam como protagonistas de suas próprias histórias.

**Nas questões dois e três, foi perguntado se havia atividade de leitura na educação básica e como era desenvolvida essa atividade.** A professora “X” respondeu que: *havia atividades de leitura nas aulas de língua portuguesa no ensino fundamental e médio, mas segundo a mesma, liam-se os textos dos livros didáticos silenciosamente, logo em seguida fazia a leitura oral de forma mecânica.* No entanto a professora “Y” relatou *que não havia atividades de leitura no ensino fundamental e médio, pois as leituras eram mecanizadas, centralizadas no método tradicional, a leitura se dava por meio de livros científicos com o objetivo de repassar teorias.*

É notável na fala das professoras o descontentamento em relação às atividades de leitura desenvolvidas na Educação Básica, pois elas destacam a forma mecânica que envolvia a leitura naquela época. Segundo (Zilberman, 1982), “[...] a escola, enquanto entidade encarregada de ensinar a ler interpreta essa função de forma mecanicista e estática”. E, nesse mundo as crianças necessitam de um instrumento que lhes garantam a automatização da leitura, não significa que as converta necessariamente em leitores.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O mecanicismo educacional distancia a leitura da palavra da leitura do mundo, tornando o ato de ler livros esvaziados da realidade e impedindo que o educando desenvolva a consciência crítica. Assim, mesmo que o educando aprenda a decifrar os códigos linguísticos, a leitura da palavra não representará necessariamente, algo que traga significados construtivos na sua vida. Nas palavras de Freire (2007, p. 67), esse tipo de relação entre leitor e leitura só possibilita a “compreensão mágica” da realidade.

**Na alternativa quatro, perguntou-se qual era a sua visão de leitura durante a educação básica.** A professora “X” mencionou que: *se tratava de uma leitura mecânica, pois as atividades eram realizadas somente para a compreensão de textos e não despertavam nenhum prazer.* A professora “Y” também relatou que *as leituras eram enfadonhas, mecânicas e sem prazer, não havia satisfação para o ato de ler.*

Quanto à concepção de leitura apresentada pelas educadoras na Educação Básica, as respostas mostraram-se semelhantes, de forma bastante restrita a simples decifração de signos e para a aquisição de conhecimentos; sendo essa visão bem próxima do nível de leitura ensinado naquela época, que tratavam-se de leituras mecânicas e enfadonhas que não despertavam nenhum prazer ao ato de ler. É relevante que se compreenda que, o universo da leitura não deve ser compreendido somente como recurso à alfabetização, mas, também, como um instrumento que permite a interpretação, a compreensão daquilo que se lê. Segundo Oliveira (1996, p. 18): “Sabemos que ler não é uma prática habitual de nossas crianças. Sabemos também que o leitor se forma no exercício de leitura”.

**Referente à questão cinco, perguntou-se qual a concepção de leitura que elas tinham hoje.** A professora “X” relatou que: *hoje a maioria dos professores desenvolve uma metodologia de leitura, focada em despertar o gosto e o prazer em ler, objetivando desenvolver nas crianças o hábito de ler.* A professora “Y” expressou que; *hoje são outros ares em relação à leitura, pois ocorre de maneira dinâmica, prazerosa e com a intenção de adquirir novos conhecimentos através do hábito de ler.*

Atualmente, as professoras reconhecem a necessidade de práticas de incentivo à leitura e são conscientes dos benefícios que a mesma traz para o desenvolvimento integral do aluno, seja qual for a faixa etária de idade ou a etapa de ensino que estejam frequentando.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Destacam que a leitura pode ser vista como um processo de ressignificação do mundo. Salientam que as mesmas apresentam dificuldades de compreensão, lacunas que não foram preenchidas durante a educação básica. Para que haja uma melhor concepção de leitura, destacamos as palavras de Craidy e Kaercher (2001):

[...] acredito que somente iremos formar crianças que gostem de ler e tenham uma relação prazerosa com a literatura se propiciarmos a ela, desde muito cedo, um contato frequente e agradável com o objeto livro e com o ato de ouvir e contar histórias, em primeiro lugar e, após, com o conteúdo deste objeto, a história propriamente dita - com seus textos e ilustrações. Isso equivale a dizer que tornar um livro parte integrante do dia a dia das nossas crianças é o primeiro passo para iniciarmos o processo de sua formação como leitora.

**Na sexta e última questão indagou-se se as aulas ministradas na universidade despertam o gosto pela leitura, ou se são leituras direcionadas simplesmente para a aquisição de conhecimento.** O depoimento da professora “X” foi o seguinte: *Eram desenvolvidos na faculdade momentos de leitura, simplesmente para aquisição de conhecimento. Liam-se textos e apostilas longas, para depois apresentar o entendimento sobre os mesmos.* No entanto a professora “Y” relatou que *em alguns momentos são direcionadas para a aquisição de conhecimentos, mas em outros as leituras incentivam o aprender de maneira criativa e prazerosa.*

As duas professoras tiveram concepções semelhantes em relação à leitura na faculdade, pois elas concebem principalmente a leitura como uma via de adquirir conhecimento para o desenvolvimento de ideias e percepções. Porém a professora “Y” ressaltou que em alguns momentos existiam leituras prazerosas e estimulantes, evidencia-se no seu relato que no processo de educação básica para o ensino superior houve um amadurecimento de suas concepções referente à leitura, principalmente no que se refere ao incentivo à leitura.

O prazer da leitura é um caminho que ajuda a melhorar em todos os sentidos: desenvolve o conhecimento em geral, dá subsídios para refletir sobre o mundo e a condição humana. Segundo pesquisa divulgada pela National Endowment for the Arts, fundação Americana dedicada à promoção da cultura:

Quem lê regularmente por prazer tem uma vida muito mais ativa e bem sucedida do que aqueles que preferem passar o tempo livre vendo TV ou dedicando-se a outras



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

atividades que não exigem raciocínio. Para os primeiros, a vida é uma sucessão de novas experiências e de ampliação dos horizontes. Para quem se enquadra no segundo caso, a maturidade torna-se um processo de atrofia mental (VEJA 25 ago. 2004, p.47).

### **Considerações**

Os resultados dessa pesquisa mostram que uma mudança de perspectiva sobre as concepções prevalentes de leitura é urgente, mas deve ser acompanhada de uma série de ações da organização escolar como um todo, entre as quais a discussão coletiva sobre a leitura a partir do projeto pedagógico da escola e da estruturação ou melhoria do acervo da biblioteca. Além disso, uma reflexão sobre o currículo de leitura ao longo das diferentes etapas da Educação Básica e no Ensino Superior, também se faz necessária para evitar redundâncias e permitir o planejamento de uma sequência mais pedagógica que propicie uma formação leitora eficiente.

Os dados mostram que as professoras enfrentaram muitas dificuldades no ensino de leitura em sua Educação Básica e que essas se transformaram em consequências negativas no Ensino Superior. Essas docentes liam de forma mecânica e enfadonha, com a simples intenção de adquirir conhecimento, leituras fragmentadas e impostas para apresentação de trabalhos, ou seja, sem despertar o prazer em ler.

Com isso, o estudo mostrou que há necessidade de proporcionar aos alunos uma leitura que além de lhes dar prazer, permita adquirir compreensão sobre o que está lendo. Uma vez que a escola promove o intercâmbio entre a criança e a leitura, e ela tem a oportunidade de estimular o gosto e o hábito de ler. Torna-se essencial que o professor tenha uma concepção de leitura que realmente busque o desenvolvimento dos alunos e que ofereçam a oportunidade de contato com diversos tipos de textos, uma vez que o ato de ler é muito importante, como agente de aquisição de conhecimento de todas as disciplinas. Por este motivo, o professor deve introduzir na sua prática pedagógica, metodologias e estratégias criativas, utilizando a leitura para estimular a emancipação pessoal e para buscar o desenvolvimento integral do aluno.

Desta forma, ensinar a ler não é só transmitir conhecimentos, mas viabilizar o trabalho com a língua. Se o papel da escola é ampliar a relação do sujeito com a língua escrita, é



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

preciso dar voz ao aluno e tecer, a partir de sua fala (ou leitura), as negociações para a construção de sentidos, um processo interativo e dialógico que não deixa de ser um modo de se constituir e recriar o mundo.

## Referências

ANGELO, C. M. P. **Conceitos de leitura**. In: MENEGASSI, R. J. (org.). *Leitura e ensino – Formação de Professores EAD*, 19. Maringá: EDUEM, 2005

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**, 6ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

CARDOSO, Giane Carrera; PELOSO, Rita de Cássia Borguetti. A importância da leitura na formação do indivíduo. **Revista Científica Eletrônica de Pedagogia**, Graça, SP, v.5, n. 09, p. 01-07, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009

CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Lise P. da Silva (Org.). **Educação infantil: pra que te quero?**. Porto Alegre: Artmed, 2001. 164 p.

FREIRE, P. (2007). **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da linguagem**. 5. Ed. Campinas-SP: Pontes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Modelos de letramento e práticas de alfabetização na escola**. In: \_\_\_\_\_. (Org.) *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995, p. 15-61.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

MEC. Parâmetros Curriculares Nacionais: **Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.



MEC. **Princípios do PNAIC**. Disponível em: <http://pacto.mec.gov.br/o-pacto>. Acesso: 07 de jan de 2015.

MENEGASSI, R. J. **Compreensão e interpretação no processo de leitura**: Noções básicas ao professor. Revista Unimar, Maringá-PR, 17(1): 85-94, 1995.

OLIVEIRA, Maria Alexandre de. **Leitura Prazer** - Interação participativa da criança com a Literatura Infantil na escola. São Paulo: Paulinas, 1996.

REVISTA VEJA. **Fundação Victor Civita**, agosto 2004.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Elementos de pedagogia da leitura**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZILBERMAN, R. (1982). A leitura na escola. In: ZILBERMAN, R. (org). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto.